

BAQA, O RETORNO AO OCEANO (autor desconhecido)

A Saudação utilizada comumente pelos Sufis é a palavra "ISHQ" (O Amor Total), e é respondida com: "BARAKA YA SHANIN" (Bênçãos meu Senhor) ou também por "ALAHU AKBAR" (Deus é Maior), ou então por "LABAS ALAIK" (Que sejas Feliz), ou ainda "SALAN ALEIKUN" (Que a Paz Esteja Convosco).

ISHQ é o Amor sem condições, que se abraça internamente, que te possui quando te entregas totalmente o teu ser para as mensagens desta voz interior que é a Dele. Assim te transformas num "Louco de Deus" e a tua vida inteira fica consagrada a Ele, para as mensagens desta voz interior que é a sua. Te unistes com o amado, e a alegria invade a tua existência, as dúvidas desapareceram e o teu ser está isento de desejo, e a tua vida inteira se torna consagrada a ele, para as mensagens desta voz interior que é a sua. ISHQ conduz até ao suicídio do ego.

Por isso, o Sufismo é um caminho de transformação direta de toda a tua energia em amor puro, num êxtase tão grande que até o menor desejo de Deus desaparece e a explosão amorosa do teu peito expurga toda a consciência do mundo, e a tua vida fica consagrada a ele, para as mensagens desta voz interior que é a sua.

Pelo intermédio do amor, tu fazes coisas impossíveis, para muito aquém dos teus limites, e atravessas as barreiras do desconhecido, do humano. Penetras como um convidado de honra no reino da morte, rodeado de beleza e de gozo, de alegria e de canções: tudo isto por que a tua vida ficou inteiramente consagrada para ele, para as mensagens desta voz interior que é a sua. ISHQ conduz a "Amana", para a grande felicidade, que apresenta duas etapas: "AL-FANA FI'LLAH" (A Aniquilação, a Dissolução em Deus) e "AL-BAQA BI-LLAH" (A Sobrevivência em Deus). Através deles se abandona a escuridão através do "FANA" ou Extinção e chegas a alcançar a Luz (BAQA - O Que Subsiste, a Eternidade).

Tornastes-te num vazio transparente, um nada, uma criança a ponto de nascer. Da ausência ou "FANA" chegas à vida atravessando a porta do nascimento e te encontras nos braços do Divino. É ser "BAQA", ser puro, Deus encarnado na plenitude da tua consciência.

A Bolha Explodiu "FANA" e o ar que ela continha se dissolveu na atmosfera inteira "BAQA". A consciência do ego e do mundo desapareceu: "FANA" e o místico vive numa escuridão total, sem imagens. É então que se alcança o "BAQA".

Nele o espírito desperta e volta ao mundo, porém para onde se dirijam os seus olhos, somente será capaz de distinguir a essência Divina se manifestando. Toda a escuridão foi recoberta da pura luz da existência. A pedra retornou para a montanha, a onda ao oceano, e o medo ao amor se converteu em uma fonte inesgotável de gozo.

Esta é a diferença mais essencial do Sufismo para com as outras buscas, já que o Sufi não tenta alcançar o conhecimento de si mesmo, ou o despertar do testemunho interno, o espectador imóvel, a não ser para se dissolver no Divino. O seu caminho não é o da iluminação senão do da morte. Por intermédio do amor, te tornas vazio para que Deus te preencha. Por isso, a direção de Meca, para o Dervishe, seu "QIBLAH" é a

"KHANNAKAH" (a sala de meditação) e também é o "MURSHID" (mestre). "O Mestre inicialmente mata o Discípulo, e isto é o começo da viagem, até que um dia o Discípulo mata o Mestre, e este é o fim da jornada". Numa tradição atribuída a ALI, genro do profeta MAOME, diz "ALLAH":

" Quem me busca, me encontra.
Quem me encontra, me conhece
Quem me conhece, me ama
A quem me ama, eu o amo.
A quem eu amo, eu o mato.
A quem eu mato, devo vingar.
E, para aquele a quem devo vingar, eu mesmo sou o vingador"

Assim, o Bem-Amado se consagra aos seus amantes e isto o místico sabe. Revela o Amor Absoluto aos homens e mulheres que o amam e dissolve o teu ego até fundir num único espírito o amor, o amado e o amante.

MA'RIFAH - O CONHECIMENTO DIRETO DE DEUS

Os Sufis não discutem sobre abstrações, sobre Deus ou sobre a Fé, eles te remetem a ti mesmo, para o caminho, para o método. Não lhes interessam os livros de teologia, mas sim a divina embriagues, o "Ma'rifah", ou, o conhecimento direto de Deus. "Olhai para o vosso coração, porque o reino de Deus está dentro de vós "

Niffari, um dos dervixes vagabundos do século X, se refere aos três tipos de buscadores do Divino, adiantando as três etapas da subida do Monte Carmelo, que São João da Cruz viria a expressar muito mais tarde:

"Primeiro, existem os devotos, a quem Deus se deu a conhecer através da Sua Misericórdia. Estes O adoram na esperança de atingirem o Paraíso ou de receberem uma recompensa espiritual, como as revelações ou os milagres".

"Depois vem os filósofos e teólogos escolares, a quem Deus se dá a conhecer na Sua Glória, porém nunca a alcançam e por isso afirmam que a Sua Essência é incognoscível: 'Sabemos que não O conhecemos e este é o nosso conhecimento'".

"Em terceiro lugar estão os gnósticos que conhecem diretamente a Deus nos seus estados de êxtase, nos quais eles desaparecem como pessoas, perdem a consciência do seu ser espiritual no arrebatamento".

Os Sufis insistem que o homem não pode conhecer aquilo que não existe nele. O gnóstico, o Sufi, o homem que avança pelo caminho, não poderia vir a conhecer a Deus nem os mistérios do universo se estes já não estivessem no seu interior como segredos desvelados. O homem é o microcosmos, "uma cópia feita à imagem de Deus, o olho do universo através do qual Deus contempla as suas próprias obras". Disse Mawlana Rumi:

"Oh Alma minha, busquei de um confim a outro
e nada encontrei em ti fora o Amado!
Não me chames de infiel, oh alma minha!
Se te digo que tu mesma es Ele"
"Oh vos que andais na busca de Deus,
não é mister que O busqueis, porque Deus é vos.

Por que andais em busca de algo que jamais conhecestes?
Somente vos sois, mas ... onde?... Ah! De onde sois?
Onde está o amante quando o Amado se manifestou?
Em nenhuma parte, e em todas as partes"

A espontaneidade é uma das manifestações do Sufismo. Ser justo como se é, sem se esforçar para parecer outra coisa, inocente e livre. Porém isto que parece ser tão simples significa um trabalho tremendamente duro, já que o nosso coração está afogado desde a infância e já não sabemos confiar, amar, ver, ouvir, meditar naturalmente.

A espontaneidade é amor. Sem o amor será necessário exercer um controle severo, porém quando o amor amadurecer, tudo se torna fácil, suave, aceitamos tudo o que nos vem porque nossos olhos mudaram. Por isso o Sufismo trata do amor, do caminho mais rápido para o despertar daquele que dorme desde a origem dentro do nosso peito.

De início vê-se a Deus nos outros e depois, em tudo que te sucede, na vida inteira, como um jogo amoroso, sem culpados. Por falta de amor, Muhammad - que trazia consigo uma mensagem de valor incalculável - teve de passar toda a sua vida lutando contra os sacerdotes e políticos que defendiam a lei e a tradição, contra a visão direta de Deus.

O caminho essencial é contrário a religião estabelecida, ao poder, e por isso, os Sufis, os Tantras, estão sempre sendo perseguidos. Eles não são como uma pedra estática e imóvel mas sim são aves voando: são o coração. Os rituais e dogmas são a cabeça. Eles viram a realidade e o passado não os pode enganar, por isso serão sempre rebeldes contra aqueles que passam suas vidas discutindo sobre os atributos de Deus, sobre o pecado ou então sobre o eu e o inferno.

Eles estão cansados de palavras, de métodos integrais, compactos, e ensinam mais através de situações do que de textos. Eles trabalham apenas com aqueles que estão dispostos a se modificarem e que querem se modificar. Eles não perdem as suas forças com o resto das pessoas que continuam dormindo. Ensinam a abandonar o corpo e a mente da religião, dos ritos e dos dogmas e te colocam em contato com os seus espíritos sempre vivos. Disse Ghazali:

"Quem quer que pense que a compreensão das coisas divinas repousa sobre provas escritas, reduziu, no seu pensamento, a imensa Piedade de Deus"

O grande dervixe persa Abu Sa'id expressa a sua loucura, expondo à luz do dia os seus princípios revolucionários:

"A nossa santa obra não ira se concluir até que descansem em ruínas todas as mesquitas que se levantam debaixo do sol".

"O verdadeiro muçulmano não se manifestará até que sejam uma única coisa a fé e a infidelidade".

Quase todos os Sufis com exceção dos Malamati e Kalandari respeitaram a ortodoxia do Islão e ofereceram homenagens ao Profeta, ainda que conferindo a cada cerimonia, um sentido nada tradicional. Os Sufis estão muito aquém das normas rituais do Islão e, embora cumprindo suas regras externamente, podem acrescentar, junto com Bokari:

"Isto não é uma "ka'ba" para que os idiotas dêem voltas ao redor,
nem uma mesquita para que se grite sem consideração em seu interior.
Este é o templo da Ruína Total.
Dentro, estão os bêbados de Deus
desde a eternidade, até o Dia do Juízo.
A Assembléia Sufi está totalmente vazia, aqui somente está Deus".

Porém este Deus não é uma pessoa, um grande Deus sentado num trono, que multiplicou por um milhão o poder, virtudes e defeitos humanos. Nenhum Sufi caminhou por este precipício obscuro que todos afirmam que nunca pode ser encontrado.

Deus não tem forma e somente conhecemos as suas manifestações através da realização (vivência, compreensão e aplicação) de cada um dos seus noventa e nove atributos, ou Nomes de Deus, expressos no rosário de noventa e nove contas. Deus é a totalidade, a energia cósmica e é impessoal. Fazer dele uma imagem resplandecente de poder é limitá-lo a uma visão angélica e luminosa.

Al Ghazali relata, no seu Tabernáculo do Profeta a sua própria visão das palavras do "Al-Qoran":

"Deus tem setenta véus de luz e sombras
Se Ele nos elevasse, as glórias fulgurantes do Seu Rosto
consumiriam a qualquer um que fosse alcançado pelo Seu Olhar"

Ghazali divide as pessoas em quatro categorias: Os ateus, que buscam o prazer e a felicidade nas coisas materiais, cujas emoções, instintos e desejos resumem toda a sua vida, seja uma ânsia de poder, de prestígio, de lutar, o sexo ou a comida; ou ainda aqueles que se dizendo religiosos estão cheios de temor e medo. Em segundo lugar estão os adoradores de ídolos ou da beleza encarnada, que se prostram frente ao fogo, ante o sol ou mesmo ante a luz universal.

A sua imaginação não ultrapassou ao Deus Juiz e Senhor de Todos os Mundos (Mallikki y'amd id'din). Em terceiro lugar, aos que concedem a Deus atributos humanos, mesmo que já tenham ultrapassado o véu das formas. Lhe atribuem a palavra, o pensamento, a santidade, a bondade, como se fosse o chefe de alto mando planetário, que controla as hostes celestiais. Estas três categorias deixam espaço para uma quarta, aos Sufis, que experimentam o vazio ("fana") e o preenchimento ("baqa"). Neles se incluem todas as manifestações do mundo.

Ainda, nesta quarta categoria, alguns mantêm a impressão de continuarem a existir, enquanto que outros desapareceram completamente e já não mais estão; são apenas instrumentos para a manifestação do universal. Todos os seres estão resumidos destas quatro categorias que encerram setenta, setecentos ou setenta mil possibilidades.

"Deus não é pai, mãe, amante, rei, juiz, nem natureza, embora todos eles respiram, gozam e sofrem no Seu seio".

Deus não é a energia cósmica, não é uma pessoa nem uma coisa. Ele é a Criação Contínuo, não é algo terminado. É um processo em movimento. Todo o místico começa se perguntando: "Qual o caminho mais reto?" O Sufismo existe para praticamente responder a esta pergunta. É a via mais direta para a aproximação a Deus, não existem mais razões. Este é o significado da palavra "tariqa", o caminho, e também de "sadhana" em sânscrito, e dos meios para alcançar os seus objetivos.

Os Sufis tem uma predileção especial pelo "versículo do retorno": "Na Verdade Somos de Deus e para Ele Retornamos " E toda a vida do Sufi é uma consagração total para esta diretiva interna. Ao final de uma de suas batalhas, o Profeta disse: "mais uma vez passamos da Pequena Guerra Santa para a Grande Guerra Santa".

E o que é a Grande Guerra Santa? É a guerra contra a alma. E o caminho que introduz o Sufi nos vãos do amor - que o transforma em pura energia amorosa - começa com o amor a si, o amor a si mesmo. Tu és aquilo que Deus te deu e se passas toda a tua vida tentando modificar-te, querendo imitar aos demais, o teu ego nunca te abandonará, não poderás ficar enamorado.

A beleza, o êxtase acontece na dissolução do pessoal. Para ajudar nesta busca, o Sufi trabalha com as suas mãos, desenvolvendo até a limites até então desconhecidos, somente comparáveis com a arquitetura e escultura tântricas. A sua música, arquitetura, tapetes, relatos literários são obras de uma altura artística inigualável.

"A religião deve ser fundamentalmente criativa, deve compartilhar da glória do Criador " Assim a arte se converte num veículo do amor, e cada irmandade Sufi dispõe de mestres artesãos e este faz uso da sua experiência nos métodos espirituais da escola que oferecem a cada pessoa o caminho original que ela necessita, em função dos seus sentimentos mais profundos e dos obstáculos que lhe põe a frente a sua personalidade.

A criação de formas concretas nas quais cada ser pode contemplar a Divindade, é a razão da arte. O artista é o receptor passivo da vida e um agente ativo da sua plasmação. Quando o segredo de um só átomo entre os átomos estiver claro, o segredo de todas as coisas criadas, internas e externas, está claro e não se vê nada mais - neste mundo e no outro - que a Deus.

Islão quer dizer "voltar a Deus" e Deus se descobre no Qoran como "zahir" e "batin", o exterior e o interior, para que o conheçamos na nossa própria interioridade e em todo o externo. "O homem perfeito é a imagem perfeita de Deus e contém em si todas as coisas". Ele deve nascer por uma segunda vez para tomar consciência da sua unidade essencial com o ser divino que o criou.

Ele é o intermediário entre Deus e o mundo, é o Testemunho de Deus.

"O coração é o lugar de onde se vislumbra Allah O coração nada mais é do que o mar de luz, o lugar da visão de Deus.

Porém isto só acontece para um coração que chegou à sua dimensão plena.

Para ele, o coração do crente é o trono de Deus,

E então, ao final do caminho, voltastes para o teu primeiro estádio.

Voltastes a encontrar a pátria perdida, onde habita o silêncio"